

Presidência é disputada

A discussão sobre a sucessão de Renan Calheiros (PMDB-AL) na presidência do Senado já produziu um consenso: a rejeição ao nome do ex-presidente da Casa José Sarney (PMDB-AP). Oposicionistas não aceitam Sarney por causa das ações em defesa de Renan, investigado em três processos no Conselho de Ética, e pela proximidade com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os governistas descartam o ex-presidente porque estão em busca de um nome de consenso, para evitar que a oposição lance um candidato. Depois da licença de 45 dias anunciada por Renan na última terça-feira, vários peemedebistas passaram a defender o nome de Pedro Simon (PMDB-RS) para a presidência.

"A regra é clara: a presidência cabe ao maior partido que, no caso, é o PMDB", afirmou a líder do PT no Senado, Ideli Salvatti (SC), ao afastar as especulações de que seu partido estaria de olho na presidência do Senado.

A sucessão tem sido discutida porque há uma avaliação predominante de que Renan não terá condições de retomar a pre-

sidência da Casa ao fim da licença. Sua volta retomaria o clima de tensão e guerra que predominou no Senado nos últimos meses. Pela tradição de que o maior partido ocupa a presidência, o cargo continuaria com o PMDB. Simon, na avaliação de parte dos peemedebistas, transmitiria uma imagem de seriedade ao Senado e teria o respeito da situação e da oposição. Falta, no entanto, combinar com o governo, que em princípio não aceita Simon, por causa da postura independente.

Embora insista que não quer a presidência do Senado, Gerson Camata (PMDB-ES) é uma alternativa à sucessão de Renan, se os governistas impedirem o avanço de Pedro Simon. Outro nome em discussão é de Garibaldi Alves (PMDB-RN).

■ Salvação

Convencidos de que Renan não terá condições de retornar ao comando da Casa, integrantes de sua tropa de choque vão tentar salvar o mandato do peemedebista. A idéia é sugerir penas mais brandas que a eventual cassação de mandato. O

próprio Renan decidiu liderar o movimento para reconquistar os colegas, que no passado o apoiaram nas duas eleições que o levaram a presidir a Casa.

Ele vai dizer que errou em várias ocasiões nos 139 dias de crise, mas que não há elementos suficientes para a cassação. Argumentará que cassar o mandato é uma pena rígida demais e que acabaria por punir o Estado de Alagoas, além de deixá-lo longe da vida política até janeiro de 2019, quando terá 63 anos.

Para o PMDB, porém, a presidência não está vaga. "O cargo não está aberto e pertence ao PMDB", disse o líder do partido no Senado, Valdir Raupp (RO). No entanto, o presidente interino do Senado, Tião Viana (PT-AC), sinalizou que não há garantias de o comando da Casa ficar com o PMDB e que as negociações dependem de futuras composições políticas, abrindo a possibilidade de o PT vir a presidir o Senado. Já a tropa de choque de Renan defende que aliados como o PT não assumam a bandeira da oposição de "Fora Renan", porque isso atingiria o governo.

WALDEMAR RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO



■ REJEIÇÃO A SARNEY SE DEVE ÀS AÇÕES EM DEFESA DE RENAN E À PROXIMIDADE COM O PRESIDENTE LULA